

tribuições específicas para o conjunto da obra. Ademais, a autora não fez apenas a seleção. Traduziu ela própria os textos.

Na Parte I (A História no Sistema das Ciências), afasta-se da estéril discussão sobre a cientificidade da História e opta por colocar a problemática de pensar esta última no contexto das ciências nomotéticas e ideográficas (texto de Ernest Nagel) e destas com as ciências históricas do homem (texto de Jean Piaget). Em uma palavra, a problemática da epistemologia histórica.

A “Constituição do Objeto” é o tema da Parte II, na qual se inserem textos de autores cuja produção vem repensando o problema do objeto histórico na linha inaugurada por Bloch e Febvre. Neste ponto, uma quase identidade dos textos aqui encontrados com aqueles publicados no já mencionado *Faire de l'Histoire* (cf. artigos de Paul Veyne, François Furet e Pierre Chaunu).

A terceira e última parte (Questões Teóricas) apresenta cinco textos que variam de uma análise das “Teorias e Paradigmas” na perspectiva sociológica de Raymond Boudon aos “Condiçõais Contrafatuais”, propostos por Ernest Nagel, passando pela discussão dos conceitos na *New Economic History* ou história contrafactual.

CAIO CÉSAR BOSCHI.

* * *

BRIARD (Jacques). — *L'Age du Bronze en Europe barbare (des mégalithes aux Celtes)*. Coleção “Archéologie, Horizons Neufs”. Toulouse. Éditions des Hespérides. 376 pp., 226 ilustr. 208 x 165.

Os “Bárbaros” europeus, eram, para os Gregos, todos os não-Helenos, apenas respingados de pálidos reflexos das civilizações egéias, ao longo das “Rotas do ambar” rumo ao Báltico, das “Rotas do estanho” em direção às misteriosas Ilhas Cassitéridas.

Essa imagem, tradicional, acaba de se esboroar, devido ao choque das recentes datações do C14, que deixaram o mundo dos especialistas completamente estupefatos. Foi no Danúbio e 1.000 anos do Egeu, que a Europa descobriu o metal. Creta estava ainda no Neolítico, quando o ouro e a prata jorravam das *kourganes* do Cuban. Os mais velhos templos do Mediterrâneo — e do mundo — são os de Malta, 1.000 anos anteriores às Pirâmides. O famoso Stonehenge, templo do Sol e observatório astronômico, erigido sobre os trilítos sagrados muitos séculos antes de Micenas. As próprias idéias: ritos funerários novos — megalitismo, sepultura em *tholos*, incineração — ou grandes religiões — cultos solares, Deus masculino e Deus-Cervo substituem as antigas Deusas-Mães neolíticas — com sua gênese nas grandes planícies da Europa central ou nas praias atlânticas.

Majestosamente, a Idade do Bronze europeia, entre 2.000 e 700 a.C., no nosso velho continente toma forma. Desde a ereção dos primeiros *dolmens*

atlânticos ou do Languedoc —essa grande “religião megalítica” que se propaga irresistivelmente ao longo das costas, da Andaluzia à Escandinávia — o Cobre aparece, introduzido pelos povos do Machado de Combate ou pela “explosão” dos grupos campaniformes — todos esses são os problemas em debate. Os “Bárbaros” passam depressa para a Idade do Bronze, de forma ampla, como os metalurgistas de Unetice, na Boêmia, que já exportava para toda a Europa o bronze e ouro em seus navios: como os príncipes do Wessex, os potentados de Leubingen, como os guerreiros dinamarqueses. Desde logo, a “Civilização dos *tumulus*” vai cobrir as planícies danubianas, e já — a Primeira Idade do Ferro se aproxima — percebe-se as cavalgadas das primeiras vagas de Celtas. As grandes invasões começam a se esboçar; os Povos dos Campos da Urnas lançam-se sobre as regiões egéias, depois são os cavaleiros *hallstattianos*, “Hordas Reais” citas, Vilanovianos, Etruscos... A História começa.

O livro está dividido em 12 capítulos:

1. — *A descoberta do metal*. Os ídolos de Lepenski Vir e Vinça. A Idade do Cobre húngara. O problema dos Indo-europeus. O Rückstrom. As civilizações da estepe.
2. — *A eclosão mediterrânea*. Malta. Os hipogeus de Arles. “as feitorias egéias” no Ocidente. O Bronze Antigo na Andaluzia: El Argar.
3. — *O Despertar de Unetice*. Os portadores de rodets. A metalurgia: nascimento e explosão. Relações como Micenas?
4. — *As primeiras navegações atlânticas e os megalitos*. O “*tumulus*” de Barnenez. Civilizações neolíticas tardias: o S.O.M.
5. — *Os príncipes da Armórica e do Wessex*. As novas classes sociais. Os grandes menhirs. As lúnulas irlandesas. Stonehenge.
6. — *Os “tumulus” protoceltas*. A floresta de Haguenau. Cultos do sol e do fogo. Ritos e deuses do Danúbio.
7. — *Região do ambar*. As maravilhosas tumbas da Jutlândia. Caldeirões sagrados. O carro do Sol de Trundholm. Os *lurs*.
8. — *As Grandes Ilhas*. Primeiras navegações no Mediterrâneo. *Os talayots* das Baleares. A Córsega: torres e Shardanas. As *nouraghes* da Sardenha.
9. — *Pedras gravadas, estelas e estátuas-menhirs*. Os barcos escandinavos. Os cultos da fertilidade. O Val Camonica. O deus-Cervo. Monte-Bego. As últimas Deusas-Mães.
10. — *Palafitas e Campos de Urnas*. O “mito das cidades lacustres”. As migrações “lusacianas” e “celto-ílíricas”. Os *fremdkulturen*. *Urnenfelder* clássicos.
11. — *As Ilhas Cassitéridas*. “Rotas do estanho” e Fenícios. A “comunidade atlântica” da Irlanda e da Ibéria. As sepulturas de incineração. O comércio do sal. Os machados-moedas.

12. — *A Primeira Idade do Ferro*. O aparecimento do ferro. "As migrações" dos cavaleiros hallstattianos. O *oppidum* do Cayla. Civilizações itálicas. Os Vilanovianos.

Como se vê o volume é extremamente interessante pelas novidades que apresenta.

E.S.P.

* * *

FINLEY (Moses I.). — *Les premiers temps de la Grèce: l'âge du bronze et l'époque archaïque*, traduit de l'anglais par François Hartog, Paris, François Maspero, 1973, 180 p.

Como já o sugere o próprio título, a proposição central da presente obra se revela no desenvolvimento de sua estrutura narrativa. A separação e descontinuidade entre o período do bronze e a época arcaica reflete-se na divisão da obra em duas partes distintas: entre a primeira — *L'âge du bronze* —, englobando os capítulos 1 a 6 (*Introduction, L'arrivée des grecs, Les îles: Les Cydes et Chypre, Les îles: La Crète, La Civilisation mycénienne, La fin de l'âge du bronze*), e a segunda — *L'époque archaïque* —, englobando os capítulos 7 a 11 (*Les siècles obscurs, Société et politique à l'époque archaïque, Sparte, Athènes, La Culture de la Grèce archaïque*) há uma ruptura decorrente da ruína da civilização micênica provocada pelas invasões que por fins do séc. XIII se generalizam pelo mundo grego e Ásia Menor. Nas palavras do próprio autor:

"La société mycénienne avait été décapitée, et les gens qui restaient étaient en train, avec l'apport nouveau que représentaient les envahisseurs, de construire un nouveau type de société. . . . La preuve qu'il s'agissait d'une société totalement nouvelle ne..." (pp. 85-86).

Tal ruptura, parece-nos, decorre das orientações seguidas pelo autor, as quais podem ser detetadas pela comparação entre as preocupações de ordem metodológica expostas no capítulo um (a periodização, o método analógico, os métodos cronológicos), e as proposições seguidas nos demais capítulos. Assim, no 2º capítulo, após criticar a identificação raça-língua-cultura o autor, para explicar a formação do complexo linguístico grego, recorre ao "mecanismo invasorista": ao discorrer sobre as evidências arqueológicas que marcam a passagem do Heládico Antigo II ao III coloca

"Normalement l'archéologie ne peut mettre un nom aux peuples ou donner un contenu aux catastrophes, mais n'est-il pas légitime, quand il s'agit de cette combinaison bien particulière de désastres, de se demander s'ils ne témoignent pas de l'arrivée,